

UNIDADE ESTUDANTIL

fogo sobre a idade média!
palavra de ordem de um histórico
discurso da era moderna.

Estava no auge da sua carreira. Tinha conscienciavdisso. Sim, ele, pelo seu esforço próprio, tinha conseguido sair da obscuridade de um cargo subalterno no Partidoe, como Ministro feito tremer o Céu e a terra. Era muito falado. E detes tado, também. Que bom era ser detestado! Sim, e naquele dia ía aparecer na TV e ex pôr, vigorosamente, a sua política. Sentia já o gozo de se ver no aparelho, em men sagem gravada, e desferir golpes, sem piedade. Qual cruzado contra os Sarracenos da era moderna. Autênticos Sarracenos, os renegados leninistas. Tão perigosos para a Fé Cristã e a Civilização Ocidental quanto os seus prdecessores medievais. Ah! Mas eles iriam ver!

* * *

Naquela noite, 28 de Outubro do ano da Graça de 1976, o Ministro Cardia ficou em casa. De pantufas, em frente à televisão. Com os braços da sua querida es posa, secretária e soldado da mesma Cruzada, em volta do pescoço. E a ver-se em gra vação. Umpouco nervoso, com uma groselha numa das mãos e com os dedos da outra a tam borilarem no braço do sofá.

* * *

RTP 2- MOMENTO POLÍTICO: Comunicação ao país do sr. Ministro da Educação e Investigação Científica.

Com um aspecto mais colegial do que seria desejável, gaguejando um pouco, repetindo pedaços de frases qual estudante mal preparado numa aula de línguas estran geiras, começou. A nobre firmeza a procurar despontar por detrás do estúpido nervo sismo. E disse.

Disse que, nas escolas, a maioria silenciosa não sabia o que fazer, a braços com dois terrores de sinais contrários; que os matemáticos da dita maioria não sabiam resolver este problema de jogo cruzado.

Gaguejou que a hora do crime é o lusco-fusco e que, por isso, as mino rias hediondas escolhiam horas tardias para actuar.

Fôs o público radiante quando afirmou que agora é que a gestão das esco las ía ser democrática. O Conselho Directivo não era eleito pela escola, nem podia ser demitido por ela, a Assembleia Geral de Escola podiagreunir mas passava a não servir para nada, a (nova) Assembleia de Representantes não respondia perante ninguém, o Conselho Pedagógico não servia para nada e por isso podia ser eleito, e existia um Conselho Disciplinar não se sabia ainda muito bem porquê e para quê. Finalmente

o Conselho Científico não era eleito, estivessem descansados, e era quem passava a desempenhar as tarefas mais importantes até aqui desempenhadas pelos Conselhos Directivos. Profundamente democrático e operacional, portanto.

Classificou a Universidade, de medieval, era em que, como todos sabem, apareceu o anarco-populismo.

Muito a propósito, falou de Moscovo (era inevitável).

Mais afirmou que os trabalhadores agrícolas do Alentejo eram senhores feudais (e por isso, anarco-populistas). Esqueceu-se, porém, de referir que os pobres agrários expropriados estavam reduzidos à condição de servos da gleba.

Falou da estupidez (Deus Nosso Senhor o perdoa pelo palavão, credo!) dos leninistas a propósito de uns historiadores de quinto plano, que não referiu.

Defendeu que era "ridículo sectarismo" formar quadros técnicos para o processo da Reforma Agrária. Coisas dos senhores feudais...

Demonstrou por ah mais bê que há escolas degradadas, antros do ócio e do vício. Que o Governo está disposto a assumir aí o espírito de verdadeira cruzada cristã.

Anunciou alegremente que a EUROPACOMELE ia dar-nos bolsas para "nossa orientação".

Sustentou que os socialistas sempre foram contra a discriminação no ensino e por isso mesmo ele acabou com o ensino unificado.

Lembrou que a alfabetização tem sido um "arraial folclórico" e que é preciso desfolclorizar as situações.

Provou que era preciso formar menos técnicos para não desagradar aos nossos amigos EUA, que estamos quase a ultrapassar nessa matéria.

Mostrou que o "numerus clausus em medicina veterinária é necessário porque os animais na zona da Reforma Agrária são muito saudáveis e não precisam para nada dos veterinários. Além disso, a nossa pecuária já está desenvolvida demais.

Ultrapassou, na entanto, toda a argúcia das afirmações anteriores quando expôs a sua tese máxima: a luta de classes em Portugal é muito dura. De um lado, os que reúnem. Do outro, os que trabalham. Lutam constantemente uns contra os outros, tendo-se registado nos últimos tempos uma elevada de suicídios. Não esclareceu, no entanto, o sr. Ministro, de que lado se encontrava. O público certamente lhe desejou, mesmo assim, felicidades para a dura luta.

* * *

Gostara. Sim, gostara de si. Estivera bem, como aliás lho confirmavam as palavras ternamente segredadas pela sua bem-amada esposa-secretária-braço direito no no Ministério. Estava no auge da sua carreira. Foi-se deitar sem se lembrar que a todos os auges se sucedem declives acentuados. Dormiu um sono bem-aventurado.

Próprio dos justos.

EDIÇÃO

UNIDADE ESTUDANTIL